
AS TRANSFORMAÇÕES DO CENTRO DE UBERLÂNDIA NO CONTEXTO DE EXPANSÃO DA CIDADE

Beatriz Ribeiro Soares

Profa. do Dep. de Geografia - UFU
Doutoranda em Geografia Humana pela USP

Julio César de Lima Ramires

Prof. do Dep. de Geografia - UFU
Doutorando em Geografia Humana pela USP

RESUMO: *O objetivo deste ensaio é analisar as transformações da área central de Uberlândia a partir de seu desenvolvimento histórico. Ao longo do tempo essa fração do espaço urbano refletiu de forma apurada as grandes fases de crescimento da cidade, onde os problemas decorrentes desse processo e as imagens construídas vêm se materializando numa nova estruturação sócio-espacial. A implantação de shopping-centers significa um novo momento desse processo de diversificação das funções da área central e de valorização de determinados segmentos espaciais de Uberlândia, que se constituem em modernas modalidades de consumo da sociedade atual.*

Palavras-Chaves: *área central, crescimento urbano*

ABSTRACT: *The aim of this paper is to analyse the transformation of Uberlândia's down-town in an historical approach. This area has reflected the different urban growth phases of the city as a whole. Different phases have specific problems and specific built images. The introduction of shopping-centers means a new moment of diversification of down-town's function.*

Key Words: *down-town, urban growth*

INTRODUÇÃO

O núcleo central de uma cidade é um produto histórico, que materializa as transformações das fases de estruturação econômico, social e política do território. É considerado o coração da aglomeração. Estão aí concentrados a vida de trabalho, lazer e também a moradia, sendo geralmente o

núcleo da primitiva implantação, concentração de maior número de monumentos e conjuntos históricos incorporados em seu entorno paisagístico, lugar de encontro de diferentes camadas da população provenientes das mais diversas partes do território, sede do poder político e econômico, o Centro adquire por todas estas riquezas sociais e culturais um forte valor simbólico. (CHIAVARI E CARVALHO, 1991:95)

Esse fato pode ser constatado através do exemplo dos cariocas que utilizam o termo **centro** da cidade do Rio de Janeiro, fato este já impregnado no imaginário coletivo de seus habitantes.

O centro da cidade, segundo alguns pesquisadores, é considerado o **motor da vida cotidiana**, uma vez que se constitui em um lugar de animação, movimento, troca e consumo.

Estão aí centralizados setores especializados do comércio e dos serviços: lojas de artigos de luxo e populares, instituições financeiras, serviços especializados em escritórios requintados, restaurantes, bares, cinemas e também o comércio ambulante.

Os vários setores do centro são procurados e freqüentados por grupos de diferentes níveis de rendimento econômico. São portanto espaços

segregados, cuja problemática é de interesse para o poder público e privado. (CORDEIRO, 1991:11).

SPOSITO (1991:06) nos lembra que:

O centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todas se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo.

Para LEFEBVRE (1983:46)

O centro urbano implica e propõe a concentração de tudo o que se dá no mundo, na natureza e no cosmos: produtos da terra, produtos industriais, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos.

O CENTRO E A EXPANSÃO DAS CIDADES

Deve-se ressaltar que as análises do processo de estruturação/reestruturação interna das cidades deve necessariamente considerar o significado e transformação do centro no contexto sócio-espacial da cidade em sua globalidade

Contraditoriamente, ao manifestar a concentração de múltiplos papéis, tanto mais necessariamente concentrados e hierarquizados organizadamente na área de melhor acessibilidade no interior das cidades, o centro é resultado do processo de crescimento delas, por sua vez originárias da própria divisão social do trabalho.

No centro da cidade a população residente diminui à medida que a aglomeração se expande.

Nele moram pessoas de alto e baixo poder aquisitivo, em edifícios de luxo ou cortiços, evidenciando as contradições do sistema capitalista.

Ali, o solo urbano é muito caro, são os terrenos com os preços mais elevados da cidade, uma vez que seu uso está relacionado a grandes investimentos comerciais, financeiros e imobiliários.

Em função dos elevados preços das terras nas áreas centrais, e também à medida que a população urbana cresce, os moradores do centro migram para outros bairros da cidade, sejam eles de ocupação antiga ou recente. Nesses, muitas vezes, ocorre a formação de pequenos subcentros, visando atender seus usuários quanto ao consumo de bens e serviços elementares, mas que são fundamentais para a reprodução da força de trabalho. Dentre eles podemos citar supermercados, drogarias, mercearias, postos de saúde, creches, escolas, etc.

O centro da cidade é o espaço mais reconstruído da aglomeração urbana, seja do ponto de vista arquitetônico ou econômico. Esse processo ocorre cotidianamente, seja na abertura de lojas e escritórios, galerias e centros comerciais, ou na construção de edifícios, recuperação de prédios antigos, reordenação das vias públicas, entre outros.

Nesse sentido, o Poder Público sempre é chamado a fazer investimentos e intervenções nessa área, visando a elaboração de leis e normas urbanas que têm como principal objetivo viabilizar o funcionamento do centro da cidade. Dentre essas normas podemos enumerar aquelas relativas aos problemas de trânsito e transportes, gabarito de edifícios, preservação de áreas verdes e prédios históricos, renovação urbana.

O centro da cidade, herança ou não do centro histórico, somente assegura a permanência das funções centrais se é capaz de constantemente renovar-se, para se colocar à altura dos novos tempos. (SANTOS, 1986:109).

Atualmente, vários planos vêm sendo elaborados e discutidos no sentido de tornar o centro da cidade um "locus" de contato social mais

agradável e seguro para seus consumidores, principalmente no que se refere a lazer e consumo. Esses programas visam a criação de zonas de pedestres, abertura de centros comerciais de porte médio, pequenos comércios e serviços especializados, área de integração de transporte coletivo, racionalização no uso de automóveis particulares. Também tentam estimular a convivência das pessoas nas praças e jardins a partir de programas culturais e ecológicos.

Esses planos e programas acontecem atualmente em todos os lugares do mundo ocidental, na medida em que a vida na cidade, em função da sua própria organização, leva os homens a se sentirem mais solitários e acuados diante das atribuições do cotidiano, que deterioram a cada dia a qualidade de vida urbana.

Segundo SINGER (1980:84), à medida que a cidade cresce, ocorre uma reestruturação dos usos na área central, bem como no seu entorno mais imediato.

O anel residencial que circunda o centro principal se desvaloriza e passa a ser ocupado por serviços inferiores: locais de diversão noturna e de prostituição, hotéis de segunda classe, pensões e - em estágio mais avançado de decadência - por cortiços, marginais, etc.

Essas observações se ajustam perfeitamente para as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, mas no caso das cidades pequenas e médias outros aspectos devem ser considerados.

O movimento de redução do uso residencial nas áreas centrais das cidades médias é mais lento quando comparado ao dos grandes centros metropolitanos, tendo em vista que seus níveis de expansão do espaço construído e dos sistemas viários não facilitam uma descentralização significativa das funções típicas nas áreas centrais.

SPOSITO (1991:08) nos lembra que

Em cidades de porte entre 200 mil e 500 mil habitantes, observamos mais acentuadamente a partir da década de 80, mas já desde os anos 50, um

processo de verticalização para fins residenciais, na área central no primeiro momento (década de 50 a década de 70) e nas áreas próximas ao centro (a partir dos anos 80).

Através da estratégia de empreendimentos imobiliários, os apartamentos transformam-se numa mercadoria de alto valor e com isso

vende-se a própria centralidade, traduzida nestas cidades como acessibilidade à área de maior concentração do comércio e serviços, e como o ticket a uma localização que ainda é sinônimo de status social, em cidades onde os nomes das famílias ainda aparecem tanto ou mais que o nome de empresas ou grupos econômicos. (SPOSITO, 1991:08).

A construção de shopping-centers aparece como uma estratégia que também se vincula às transformações das formas e conteúdos da área central, na medida em que

quanto mais se acentua a divisão social do trabalho, mais capital se concentra, o que quer dizer especialização dos lugares, mas também é um lugar de concentração que é o centro, uma área no interior da cidade onde a circulação e as trocas de mercadorias e do dinheiro vão se realizar rapidamente, um lugar de estímulos ao consumo de bens e serviços. (SPOSITO, 1991:7).

O comércio atualmente se concentra e centraliza cada vez mais capital, tendo em vista a presença de cadeias de lojas que monopolizam a distribuição de mercadorias, impondo preço e **ordens** aos produtores. Essa transformação no setor somente foi possível após o uso generalizado do automóvel e da produção em massa, que aumentou e diversificou o consumo. (PINTAUDI, 1987)

Sendo assim, a partir da década dos 70, constatamos no Brasil a proliferação de supermercados e **shopping-centers**, principalmente nas grandes cidades. Segundo PINTAUDI (1987), existiam no Brasil, até 1987, 38 shopping-

centers, com um número de lojas que variavam entre 31 e 322 estabelecimentos comerciais e estavam localizados, em sua maioria, na região sudeste do País.

O shopping-center é um empreendimento imobiliário, comercial, que “permite” a reunião em um ou mais prédios contíguos, das mais variadas lojas de venda a varejo, diferentes umas das outras, não só pelo tipo de mercadorias que comercializam, como também por sua natureza. (PINTAUDI, 1987:29).

Nesse processo, o empreendimento é de iniciativa privada, com lojas alugadas, de natureza distinta, controladas por um setor administrativo que permite a reprodução do capital.

O shopping-center rompe o crescimento natural da cidade, uma vez que são necessárias grandes áreas para a sua construção, dentro da malha edificada ou não. Assim, fragmentam o espaço urbano, mas ao mesmo tempo revalorizam o seu entorno.

Apesar de desenvolverem uma cultura de consumo de massa, os shopping-centers não são iguais em todo o País, visto existirem cidades de diferentes grandezas, além das diversas formas de implantação e localização, em áreas urbanizadas ou não.

1. Uberlândia: o processo de expansão do centro da cidade

O espaço urbano de Uberlândia sofreu significativas transformações, em seu conteúdo e forma, principalmente nos últimos 30 anos. Elas ocorreram em função do crescimento populacional e do desenvolvimento econômico do município, que adensaram áreas urbanas, expandiram as periferias e verticalizaram o centro da aglomeração.

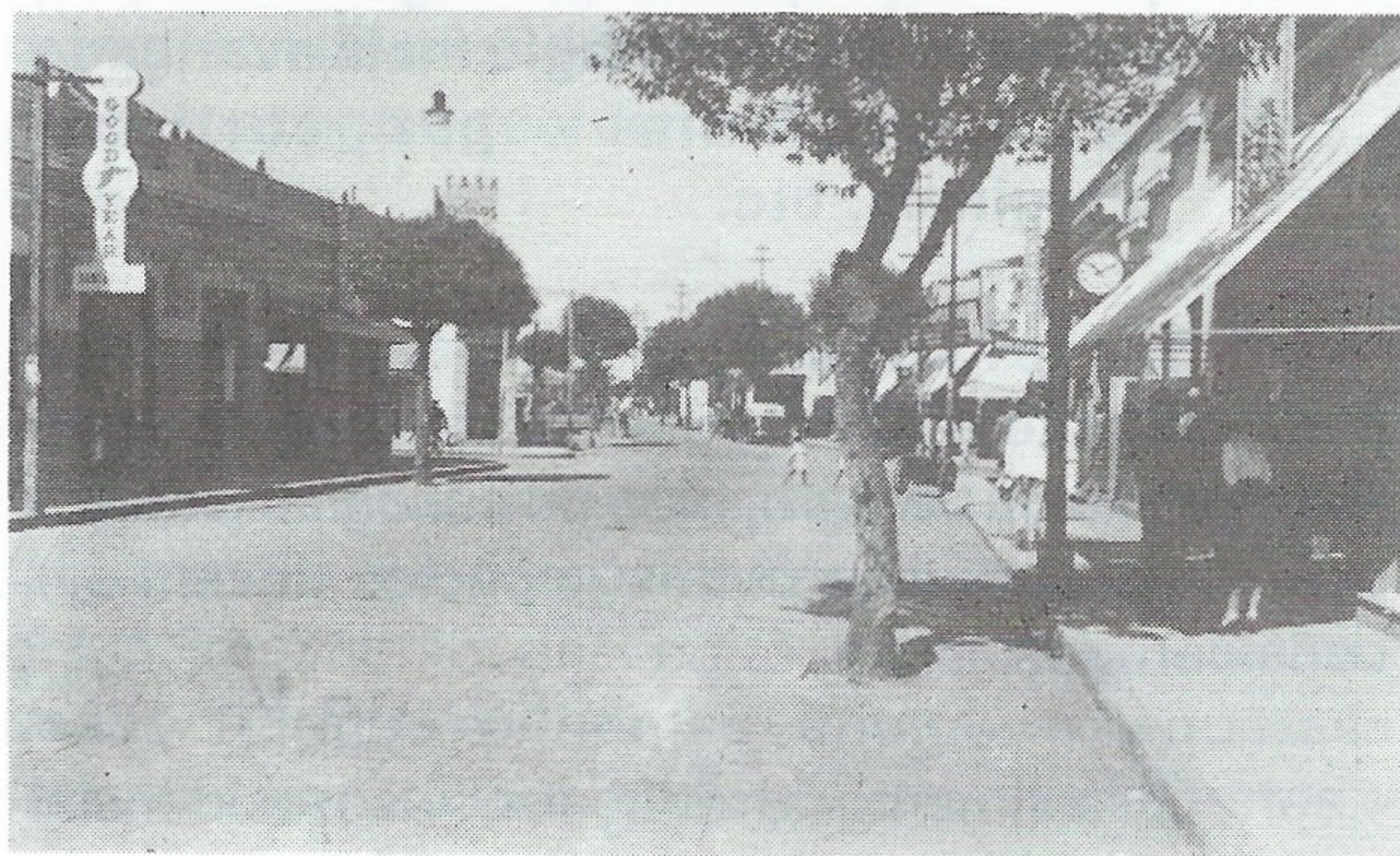
Um dos aspectos mais visíveis dessa transformação diz respeito à expansão e diversificação do centro da cidade, que nos últimos 30 anos recebeu várias instituições financeiras, empresas comerciais, agências de viagem, consultórios médicos e odontológicos, escolas de línguas, lojas de departamentos, escritórios de consultoria, restaurantes, bares e cinemas. A

função central também se fragmentou, ficando parte das atividades no centro da cidade e outras indo se implantar em novas áreas, onde se criou um espaço novo.

1.1. Do Fundinho à Avenida Afonso Pena

O núcleo central de Uberlândia tem sua origem relacionada a um bairro denominado Fundinho, onde foram concentrados os principais prédios públicos, casas comerciais, teatro, cinemas e também as residências das classes mais altas da cidade. Todo o movimento comercial e a vida de lazer estavam ali alojados, até as primeiras décadas do século XX.

A partir da construção da estação ferroviária, em 1895, e da implantação do plano urbanístico de 1908, que previu a abertura de seis grandes avenidas, que começavam na Praça da Independência e terminavam na referida estação, o centro comercial começou a se deslocar em direção a essas novas áreas. Gradativamente ali se formaria o centro da cidade, tendo como principal eixo a Avenida Afonso Pena. Esse deslocamento começou a ocorrer na década dos 30 e se fez em direção à referida avenida, que corta a cidade de norte a sul. (Vide Figura 1).



Av. Afonso Pena nos anos 30
Fonte: Cartão postal da época

A avenida Afonso Pena, principal artéria urbana, é hoje movimentado boulevard de agradabilíssimo aspecto, ostentando de um lado e de outro magníficas casas comerciais, de todos os gêneros, com suas vitrines caprichosamente organizadas, atraindo a atenção pública, por sua própria iluminação à noite, e dando a

essa via pública aspecto prazenteiro e movimentado. (O Repórter, 1936:05).

Nesse período já estava instalado aí um luxuoso cinema, vários cafés e bares, restaurantes, jornais, casas comerciais e bancárias, um clube, agência lotérica e a primeira escola pública da cidade.

Em mais ou menos 20 anos, com o crescimento da cidade, vários prédios importantes foram construídos na área central da cidade e se tornaram, ao longo do tempo, signos urbanos de Uberlândia, uma referência para seus moradores. Os mais importantes, relativos àquele período, foram: a Matriz de Santa Terezinha, o Hotel Colombo e o Forum, todos localizados na Praça da República (atual Tubal Vilela). Estes modificaram muito a forma urbana de Uberlândia, apesar de muitos deles terem sido demolidos para a construção de edifícios públicos ou privados, na década dos 80, sem nenhuma preocupação com a preservação da memória histórica da cidade. (Vide Figura 2).



Praça Tubal Vilela anos 50.
Fonte: Cartão postal da época.

Já dissemos que Uberlândia tem um verdadeiro pavor de seu passado. Ela vive procurando destruir as marcas das gerações passadas, numa corrida desenfreada para o que é moderno e funcional. Desapareceu agora o sobradão onde funcionava o Forum e assim será com outros tantos pontos de referência da cidade. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 81:07).

A partir da década dos 30 Uberlândia foi apelidada de "Cidade Jardim" em função do número de praças e jardins existentes, que eram muito

bem cuidados, e também da limpeza de suas ruas. Tanto era verdade a preocupação com a higienização da cidade que até os jornais reclamavam cotidianamente a conservação externa das moradias, inclusive pedindo a demolição de algumas casas velhas existentes no centro da cidade, a pintura de outras, além da eterna preocupação com a limpeza das ruas e praças, principalmente nas seis avenidas principais.

Uberlândia não é mais uma cidade da roça, mas uma pequena metrópole, onde o progresso caminha a passos de gigante. Necessário, portanto, que as nossas autoridades proibam umas tantas coisas que tanto a afetam. Por exemplo, em suas várias ruas centrais, vemos montões de terra, que não se removem absolutamente. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1940:12).

Se existia essa constante preocupação com a ordem estética do centro da cidade quanto à limpeza nas ruas e avenidas e à conservação das casas, o mesmo ocorria, em meados dos 40, em relação à instalação de serviços públicos, tais como calçamento, iluminação e arborização das avenidas.

A primeira avenida a receber esses serviços foi a Afonso Pena que, por estar urbanizada, tornou-se essencialmente comercial.

Na década dos 40 a economia da cidade, voltada para o comércio, tem na sua principal via, a Avenida Afonso Pena, a maior concentração de lojas, armazéns, confeitarias, bancos e cinemas de Uberlândia.

A Avenida Afonso Pena é o coração da cidade e centro de seu ativo comércio. Aí estão localizados os dois cinemas e os estabelecimentos bancários, as mais esplendorosas vitrines de conceituadas lojas de fazendas, os mais importantes atacadistas. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1947:01).

Posteriormente foram feitos melhoramentos nas avenidas Floriano Peixoto e João Pinheiro. Esta última se transformou no "locus" privilegiado de moradia da elite uberlandense, durante muitos

anos. Ali foram construídas casas e mansões, cujos projetos arquitetônicos eram muito sofisticados, tornando assim a fisionomia da cidade cada vez mais elegante e moderna. (Vide Figura 3).



Casarão da Av. João Pinheiro

Ainda agora estão sendo concluídos dois prédios que mereciam menção especial pelo que trazem de embelezamento para a Avenida João Pinheiro e que reúne os melhores projetos arquitetônicos no que se refere ao setor residencial. São na verdade construções de bom gosto, de preço elevado, seduzindo cada um pelas particularidades de concepção da sua planta. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1945:02).

Ao longo do tempo, o centro da cidade foi centralizando diversas atividades comerciais a varejo, serviços especializados, áreas destinadas a lazer e cultura. Tornou-se, assim, um importante centro para a circulação do capital, na medida em que se constitui em um centro de consumo para as cidades do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sul de Goiás.

1.2. Os arranha-céus e o crescimento do centro da cidade

Na década dos 60 a construção de edifícios, conhecidos como arranha-céus, e o asfaltamento das principais avenidas marca o início de um novo período para o desenvolvimento do centro da cidade.

Uberlândia ingressou decididamente na era dos arranha-céus. Deixou de ser a Uberabinha tranqüila para se integrar

também de rijo na marcha do Brasil que caminha para a Brasília. Outrora era Uberlândia dos carros de boi, da praça dos Bambús, hoje, dos grandes edifícios, das avenidas asfaltadas, dos automóveis Chambord. A Avenida Afonso Pena com seus edifícios Tubal Vilela, Drogasil e Finotti integrou-se definitivamente na era dos arranha-céus. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 19.9.59:01).

Assim iniciou-se a expansão da cidade no sentido vertical, foram construídos edifícios de projetos arquitetônicos modernos, dando uma nova aparência ao centro da cidade.

Instituições financeiras, imobiliárias, construtoras e grandes empresários da cidade encontraram nesse ramo um rentável investimento de capital e, conseqüentemente, um setor propício à especulação imobiliária. Foram construídos mais de 15 edifícios entre os anos 60 e 70, em Uberlândia. Dentre eles podemos citar: o edifício Tubal Vilela, com 16 andares, Itapora, com 13 pavimentos, Hotel Presidente, com 10 andares, Itacolomy e Banco de Minas Gerais, com 15 pavimentos (Vide Figura 4).



Os primeiros arranha-céus em Uberlândia: Prédios Tubal Vilela e Drogasil
Fonte: B.S. Ribeiro, 1993.

Tendo em vista as transformações ocorridas no País, em meados da década dos 50, com relação às novas formas de consumo, foi implantado em Uberlândia um supermercado nos mesmos moldes das grandes cidades. O Supermercado Bom Preço continha dezenas de seções de utilidades domésticas, alimentação, perfumaria, que o cliente podia escolher livremente.

Do mesmo modo, foram abertas lojas de departamentos, galerias, enfim, vários estabelecimentos comerciais que mudavam completamente a feição do centro da cidade.

Nesse sentido ocorreu, nesse período, nas principais avenidas do centro da cidade, a reformulação das frentes das casas residenciais, que foram convertidas em cômodos para comércio. Vários prédios estavam ainda em boas condições de moradia. No entanto, sofreram alterações em suas fachadas e em suas dependências para receber portas de aço e vidro e, assim, se transformarem em lojas, bancos, panificadoras, oficinas, etc.

Sua vida comercial é um requinte de bom gosto, em todo setor comercial predomina o senso administrativo, aliado ao bom gosto. Estabelecimentos feericamente iluminados com primorosas instalações que identificam a cidade com moderno centro comercial. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 31.5.59:01)

Com a construção de Brasília e a abertura de estradas em direção à Capital Federal, Uberlândia toma o caminho do crescimento econômico e, nesse contexto, o centro da cidade materializa essas transformações.

As formas anatômicas de aço e granito colorem as ruas de Uberlândia, aonde centenas de portas de comércio tragam e expelem milhares de pessoas na sinfonia alegre do desenvolvimento. Esqueletos enormes preenchem os vazios, vaticinando crescimento de uma cidade que não pára. Tem de tudo o comércio de Uberlândia. Os luminosos à noite no pisca-pisca "metropolitano" lembram as grandes cidades adormecidas. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 15.08.57:02)

Conseqüentemente, com o crescimento populacional da cidade, e considerando a sua expansão no sentido horizontal e vertical, o centro da cidade também se expandiu, englobando áreas circunvizinhas, tendo sido criados alguns núcleos nos bairros mais populosos de Uberlândia.

1.3. Expansão e diversificação do centro de Uberlândia

Nos últimos 30 anos o espaço urbano de Uberlândia modificou-se significativamente, reproduzindo um modo de vida moderno, onde as relações e desejos são mediatizados, principalmente, pelas mercadorias. Assim sendo, foram construídos supermercados, **shopping-centers**, lojas de departamentos, que pudessem realizar síntese das atividades consumidoras.

Em função dessas mudanças, ocorreu a expansão e a diversificação do centro da cidade, circunscrito ao crescimento econômico de Uberlândia.

Ao longo do tempo, o centro da cidade foi concentrando atividades comerciais e de serviços muito diversificadas, vestuário, alimentação, utilidades domésticas, setor financeiro, serviços de administração, cultura, lazer, saúde. Estas acompanharam a dinâmica nacional, no que diz respeito à forma de comercialização, decoração, especialização dos serviços. Como exemplo podemos citar o setor financeiro, atualmente com aproximadamente 60 agências bancárias, além de escritórios, agências de crédito e seguradoras, localizado nas avenidas Afonso Pena e Floriano, juntamente com as lojas de eletrodomésticos e magazines populares.

Essa expansão do centro na direção norte da cidade ocorreu a partir da transferência dos trilhos da estrada de ferro FEPASA em 1970, desobstruindo as principais vias de tráfego de Uberlândia. Esse acontecimento veio trazer um grande impulso e vida urbana de Uberlândia (Vide Figura 5).

Uberlândia vem sofrendo muitos inconvenientes com a permanência no centro urbano da estação ferroviária da FEPASA. Não será dos menores a interrupção da Avenida Afonso Pena, a mais comercial, que vê o atraso da

parte existente acima do prédio da via férrea e que deixou se vencer pela Avenida Floriano Peixoto, toda edificada com arquitetura moderna e

com movimento assaz notável no seu comércio. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1970:03).

PLANTA DA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE UBERLÂNDIA 1970



- | | |
|--|---|
| 1- POSTO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL | 10- FORUM ABELARDO PENA |
| 2- CENTRO DE SAÚDE | 11- HOTEL PRESIDENTE |
| 3- SANATÓRIO ESPÍRITA | 12- HOSPITAL S. F. DE PAULA |
| 4- ESTAÇÃO DA CIA. MOBIANA DE ESTRADA DE FERRO | 13- PREFEITURA MUNICIPAL |
| 5- EMBRATEL | 14- DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA |
| 6- CIA. TELEFÔNICA DO BRASIL CENTRAL | 15- FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS |
| 7- BANCO DO BRASIL | 16- ESTAÇÃO RODOVIÁRIA |
| 8- EMP. BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS | 17- FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS |
| 9- FACULDADE DE DIREITO | |

Fonte: Planta da cidade, monografias IBGE, Coleção de Monografias nº 487 pg. 1

Desse modo, a área central de Uberlândia recebeu um grande impulso, seja pela substituição dos seus antigos prédios de residência particular por grandes edifícios, ou uma série de lojas que se estabeleceram ao longo de seu traçado. Houve, assim, uma revalorização do espaço urbano, principalmente no Bairro Operário, que acabou por se transformar em uma área comercial.

Nas ruas transversais às avenidas centrais encontram-se localizadas lojas, galerias e centros comerciais voltados para o consumo das classes médias e altas. São estabelecimentos comerciais que oferecem mercadorias sofisticadas em

instalações atraentes e em locais preferenciais. Aí também se encontram os bares, restaurantes e hotéis que movimentam as áreas destinadas ao lazer diurno e noturno, movimentando o centro da cidade.

Em meados da década dos 80 expandiu-se um comércio ambulante, na praça Tubal Vilela, ocupado por indivíduos que não conseguiam ser incorporados ao mercado de trabalho formal. Estes encontravam na rua sua possibilidade de produzir e assim garantir sua sobrevivência. Esse comércio criou um espaço único e singular, com vários tipos de produtos e serviços. Eram encontrados aí

ervas medicinais, artesanatos regionais, mercadorias importadas do Paraguai, que tomavam conta da praça. Os comerciantes ambulantes se organizaram e criaram uma associação com o objetivo específico de manutenção de sua atividade (Vide Figura 6).



Comércio ambulante na Praça Tubal Vilela - 1990
Fonte: B. S. Ribeiro, 1990.

Atualmente esse comércio foi significativamente reduzido, dentro de uma ótica de que esse tipo de atividade representa um certo ar de degradação e subdesenvolvimento, aspectos estes não condizentes com a imagem ufanista que se tenta veicular sobre a cidade. Mesmo assim ainda existe, em alguns pontos da cidade, como por exemplo as paradas de ônibus, algumas barracas que vendem mercadorias variadas, mas que são pouco significativas em termos numéricos.

Desta forma garantiu-se que um dos símbolos da cidade, a Praça Tubal Vilela, tivesse seu espaço livre do comércio ambulante. Recentemente essa praça passou por uma reforma onde se tentou resgatar o seu desenho original, o que fortalece o seu conteúdo simbólico no imaginário coletivo (Vide Figura 7).

Entre as avenidas Rio Branco e Getúlio Vargas vêm se concentrando, nos últimos anos, os serviços de saúde particulares, de



Praça Tubal Vilela remodelada - Anos 90.
Fonte: B.S. Ribeiro, 1993

embelezamento e escolas de línguas, que procuram oferecer serviços especializados em locais sofisticados, uma vez que as antigas e luxuosas residências particulares são reformadas, adequando-se a esses serviços.

Tendo em vista a concentração cada vez maior de atividades no espaço, o centro de Uberlândia tornou-se muito atrativo, movimentado e alegre, mas também barulhento, congestionado e poluído.

O comércio e o setor de serviços, à medida que vêm se especializando cada vez mais, fazem com que as pessoas se desloquem para essas áreas com o objetivo de satisfazer suas necessidades, passear, encontrar pessoas, olhar vitrines etc. Para a sociedade atual, as áreas destinadas ao consumo, seja para comprar, seja para passear, são vistas como um espaço para se passar um tempo agradável, porque atrativas e animadas.

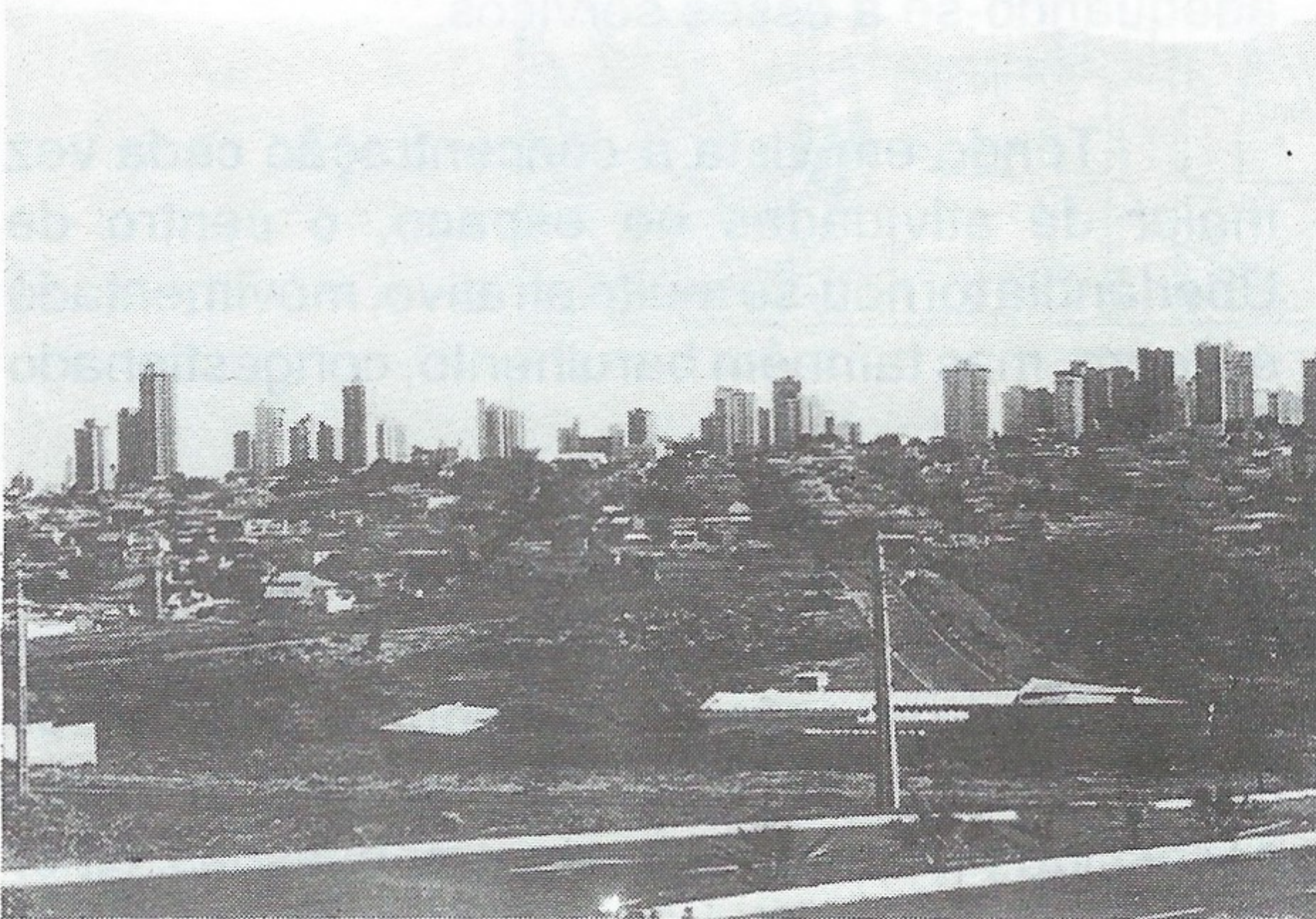
No que diz respeito às pessoas que residem/residiam no centro de Uberlândia, as habitações mais finas e luxuosas são redirecionadas para novas áreas, criadas especialmente pelos promotores imobiliários, sejam bairros estritamente residenciais, tais como Morada da Colina, Karaiba, Itapema ou edifícios de apartamentos, principalmente no Fundinho e bairro Martins.

O solo urbano na área central da cidade tem uma competitividade e preço muito alto, em decorrência de vários fatores, entre os quais a sua localização. Esse fator impulsiona a construção

de edifícios, sejam eles de uso residencial ou comercial, aumentando assim a densidade populacional nessa área, criando alguns problemas e, principalmente, verticalizando a cidade. (Vide Figura 8).

Em Uberlândia, a construção dos chamados "arranha-céus" iniciou-se no final da década dos 50. Atualmente ocorre, nos prédios mais antigos, uma transformação em seu uso, em função dos problemas que manifestam nessa área: ruído diuturno, congestionamento de trânsito e poluição.

Como o centro de Uberlândia não é mais capaz de atender a todas as necessidades de sua população, que cresce constantemente, foram criadas outras áreas comerciais e de serviços, ainda que secundárias, em diversos bairros da cidade: Luizote de Freitas, Tubalina, Santa Mônica, Tibery, Roosevelt, etc. Estes vêm criando novos pontos de valorização do espaço urbano.



Crescimento vertical na área central de Uberlândia - 1993
Fonte: B. S. Ribeiro, 1993.

2. Os shopping-centers: as novas áreas de expansão do centro da cidade

Tem contribuído para a descentralização e diversificação das atividades do centro da cidade, e atendido às novas modalidades de consumo; a construção nos últimos anos de dois "shopping-centers" e um hipermercado em Uberlândia, que revalorizaram o espaço urbano, em seu entorno. (Vide Figura 9).

Ao mesmo tempo foi construído, pela Administração Municipal, um novo centro cívico, funcionalmente adequado, com novos edifícios e traçados de ruas, que estão criando um novo

espaço na cidade. Esse processo de construção de áreas específicas e segregadas do urbano hodierno são fenômenos que ocorrem na era da ciência e da técnica, a qual estamos presenciando. Essa modernização sem limites certamente levará a uma modernização do conteúdo social dessa área.

Em Uberlândia foi inaugurado, em abril de 1987, o Ubershopping, com 91 lojas de venda a varejo, sendo três delas lojas âncoras, uma praça de alimentação e diversão e um cinema, numa área bruta de 17.000 m² com 700 vagas de estacionamento. Foi construído com recursos de empresários do setor comercial e imobiliário local. Seu projeto arquitetônico acompanhou os referenciais nacionais. Entretanto, suas lojas foram vendidas a particulares, tendo a administração do "shopping" procurado ao longo do tempo recomprá-las.

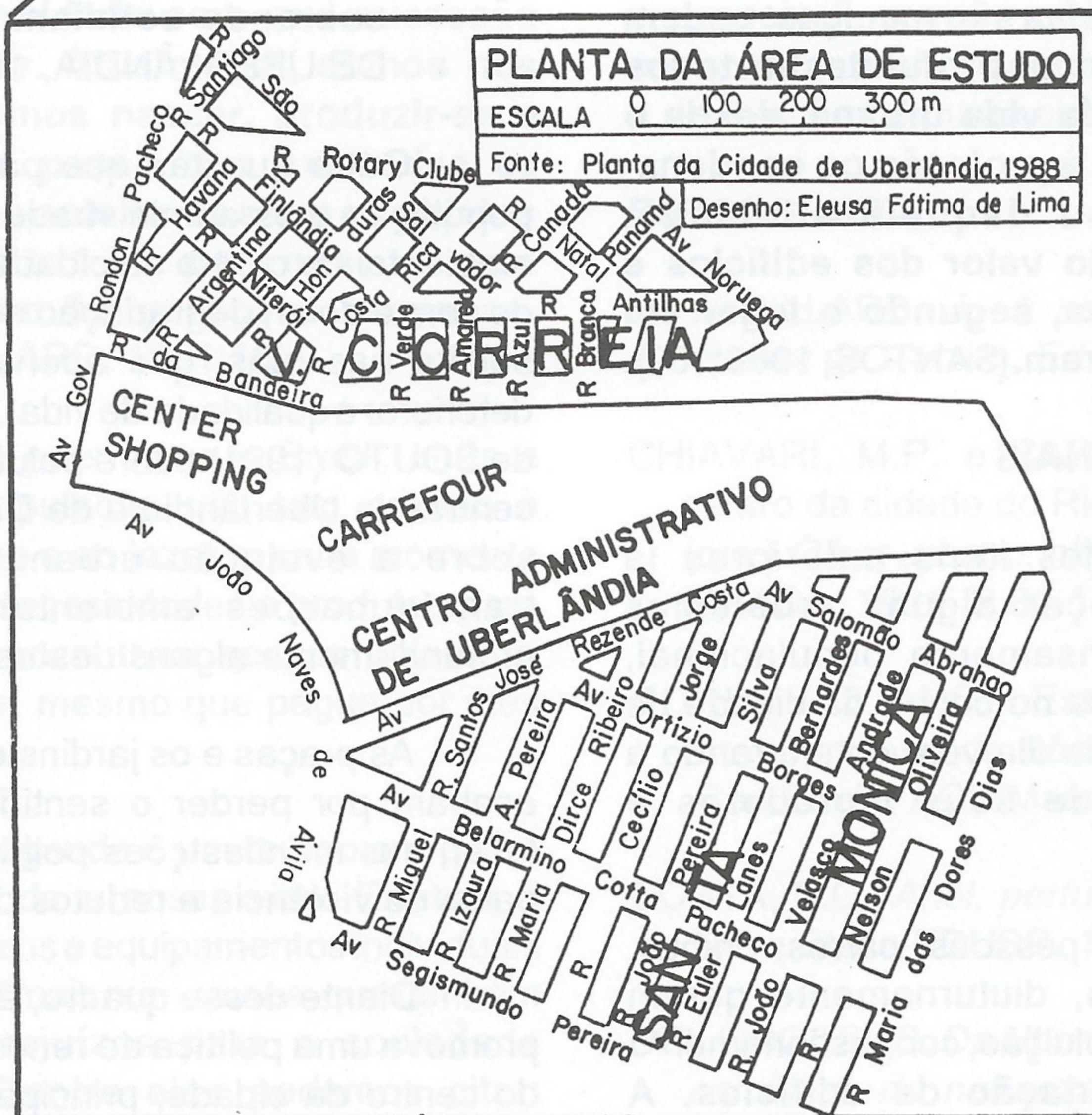
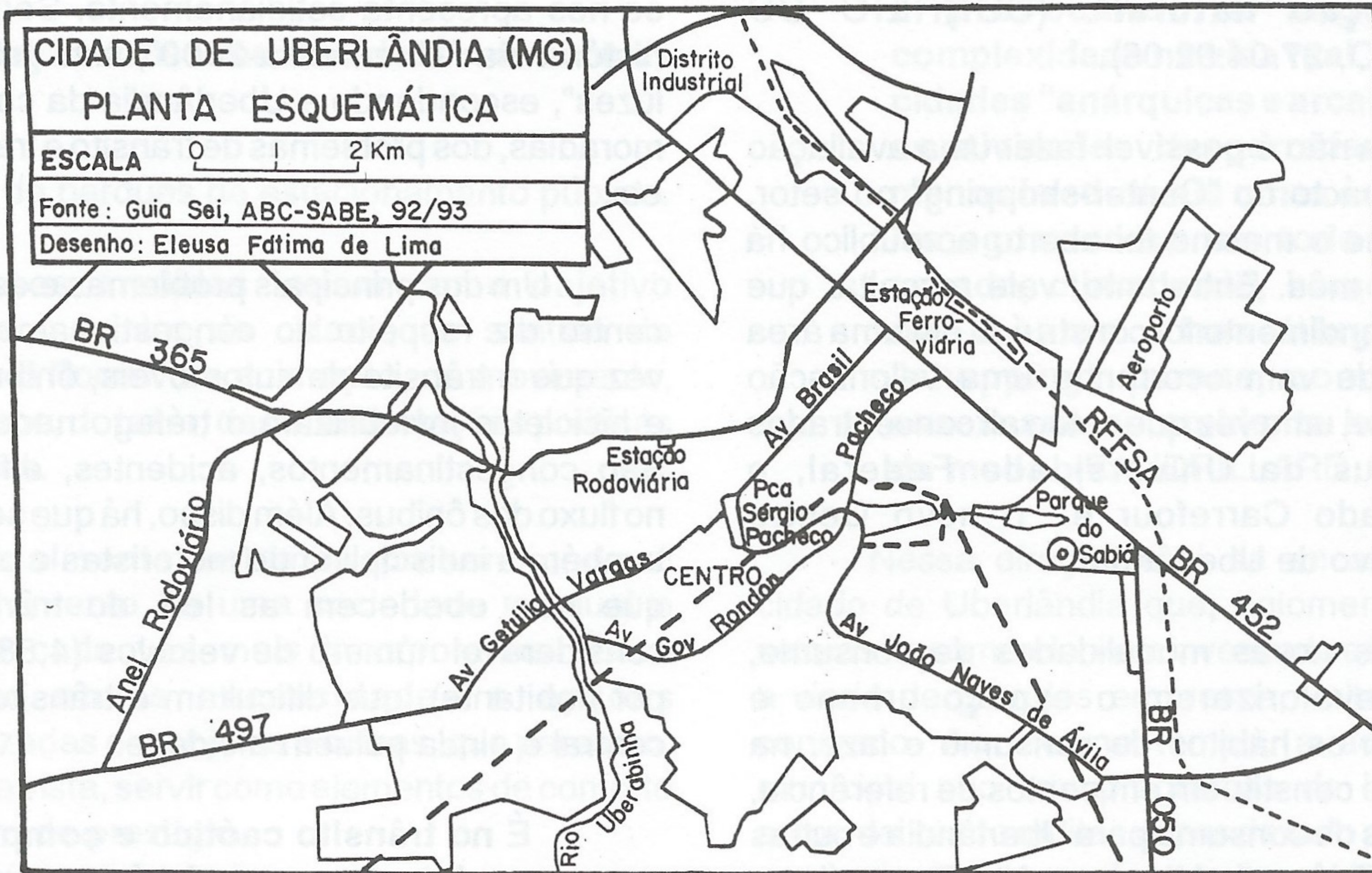
Sua localização não foi muito apropriada, visto que o mesmo foi construído em uma área de densidade ocupacional baixa e fora do eixo de maior circulação da cidade.

Vários "esforços" foram feitos no sentido de incorporar aquele empreendimento ao cotidiano dos consumidores da cidade. A própria administração municipal alargou e iluminou as avenidas que dão acesso ao shopping. Entretanto, depois de cinco anos de existência e com a crise econômica instalada no País, muito pouca coisa mudou.

No entanto, vale registrar que o empreendimento seguiu os padrões arquitetônicos e comerciais dos "shopping-centers" das grandes cidades, visando transformar o consumo em lazer e prazer.

Há aproximadamente dois anos o empreendimento foi vendido a um empresário paulista, que tem como objetivo ampliar sua área construída, o que ainda não foi possível em função da crise brasileira.

Recentemente foi inaugurado um outro shopping-center, o Center-Shopping, construído numa área de 22 mil m², localizado ao lado do hipermercado Carrefour, com 110 lojas, nem todas ainda em funcionamento. Também existem ali setores de lazer e alimentícios.



Segundo a divulgação da imprensa o empreendimento **“foi elaborado dentro de um projeto de vanguarda e sua construção é aliada à funcionalidade, onde se privilegia o verde e a iluminação natural”**. (CORREIO DO TRIÂNGULO, 27.04.92:06).

Ainda não é possível fazer uma avaliação sobre o impacto do “Center-shopping” no setor, uma vez que o mesmo foi aberto ao público há apenas um mês. Entretanto, vale ressaltar que este empreendimento foi construído em uma área urbana, onde vem ocorrendo uma valorização muito grande, uma vez que estão ali concentrados um Campus da Universidade Federal, o Hipermercado Carrefour e o novo Centro Administrativo de Uberlândia.

Essas novas modalidades de consumo, além de revalorizarem o espaço urbano e modificarem os hábitos de consumo e lazer na cidade, já se constituem em pontos de referência, em símbolos de consumo para Uberlândia e outras cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Quando há operações de renovação, sobretudo se elas são maciças, podem esperar mudanças profundas em todos os aspectos da vida urbana, desde o preço da terra à proteção ou condenação desta ou daquela atividade, passando pelo valor dos edifícios e dos residentes, segundo o lugar em que se encontram.(SANTOS, 1986:109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos itens anteriores já começamos a esboçar alguns problemas decorrentes do adensamento populacional, comercial e de serviços no centro da cidade de Uberlândia, que a cada dia vem deteriorando a qualidade de vida de seus moradores e consumidores.

A circulação de pessoas, carros, ônibus, bicicletas, caminhões, diuturnamente geram problemas de ruídos, poluição, congestionamento de trânsito e degradação de edifícios. A verticalização, o estreitamento de suas ruas e avenidas, a falta de arborização contribuem muito para que esses problemas se acirrem cada vez mais.

No entanto a imprensa local, os administradores, em toda a sua história veiculam uma imagem de prosperidade, de uma cidade rica, sem problemas, mascarando a realidade que se nos apresenta cotidianamente. Sempre foi a história da “Uberlândia-2000”, das “mil e uma luzes”, escondendo a Uberlândia da carência de moradias, dos problemas de trânsito e transportes, etc.

Um dos principais problemas existentes no centro diz respeito ao congestionamento, uma vez que o trânsito de automóveis, ônibus, motos e bicicletas inviabilizam o tráfego naquela área. São congestionamentos, acidentes, dificuldades no fluxo dos ônibus. Além disso, há que se registrar também a indisciplina de motoristas e pedestres, que não obedecem as leis do trânsito e o considerável número de veículos (4,58 veículos por habitante), que dificultam o trânsito na área central e ainda poluem a cidade.

É no trânsito caótico e complexo que se detecta o pesado ônus em vidas e custos materiais que o nosso desenvolvimento vertiginoso está nos cobrando cotidianamente. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1988:09).

Outra questão que passa a incomodar a população e os administradores é a degradação ambiental no centro da cidade, quanto à poluição do som e do ar, degradação de edifícios e praças, sujeira nas ruas, que apenas contribuem para deteriorar a qualidade de vida urbana. Os trabalhos de SOUTO (1991) sobre poluição sonora na área central de Uberlândia e de DEL GROSSI (1992) sobre a evolução urbana da cidade e as transformações ambientais analisam mais profundamente alguns destes aspectos.

As praças e os jardins do centro da cidade acabam por perder o sentido do encontro, do lazer, das manifestações políticas, para se tornar palco de violência e redutos de lixo.

Diante desse quadro, é necessário que se promova uma política de renovação/revitalização do centro da cidade, principalmente no que diz respeito a:

- criação de zonas de pedestres, popularmente conhecidas como calçadões

- revitalização de áreas destinadas ao lazer e à cultura
- racionalização do tráfego naquela área
- reformulação do uso das avenidas e ruas centrais e
- criação de parques de estacionamento público.

Essas medidas teriam como objetivo revitalizar o centro da cidade, no sentido de (re)torná-lo "locus" da animação, do movimento, do consumo, do lazer, das manifestações políticas e de festas.

Atualmente estamos presenciando o desenvolvimento de uma sociedade na qual o consumo cada vez mais incorpora ao nosso cotidiano novas necessidades e opções materializadas em objetos e coisas, que parecem, à primeira vista, servir como elementos de conforto e também de prestígio.

Vivemos o tempo dos objetos, quero dizer, existimos segundo seu ritmo e em conformidade com sua sucessão permanente. Atualmente, somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as civilizações anteriores eram os objetos instrumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas. (BAUDRILLARD, 1981:16).

Mesmo num país como o Brasil, onde a maioria de sua população não tem acesso à moradia, ao trabalho e ao lazer, a cada momento são criadas novas necessidades e produtos para a população, que encontram nesses objetos o prazer de consumir, mesmo que pague por eles um preço muito alto.

Estamos chegando a um tempo em que o consumo invade toda a nossa vida. Existem à nossa disposição bens e equipamentos individuais e coletivos cada vez mais numerosos, que também trazem graves prejuízos para a sociedade contemporânea. Dentre eles podemos citar: poluição, destruição de paisagens, doenças, extinção de animais e plantas. O desenvolvimento tecnológico traz ainda prejuízos culturais incalculáveis, uma vez que a produção em massa

e o marketing vem destruindo as culturas regionais.

O trabalho, o lazer, a natureza, a cultura, que outrora se encontravam dispersas e provocando a angústia e a complexidade na vida real, nas nossas cidades "anárquicas e arcaicas", todas as atividades desgarradas e mais ou menos irreduzíveis umas às outras - elas agora como um todo misturado, assado, climatizado, homogeneizado no mesmo "travelling" de um "shopping" perene, completamente assexuado no ambiente hermafrodita da moda. (BAUDRILLARD, 1981:21).

Nessa direção está se encaminhando a cidade de Uberlândia que, aglomerando vários setores do comércio, vem investindo e incentivando a vinda de grandes empresas, voltadas para o consumo. Ao mesmo tempo, a administração municipal não cria programas de incentivo ao setor, deixando muitas vezes de lado os pequenos comerciantes, que são aqueles que verdadeiramente movimentam a vida cotidiana. Estes são os que organizam o espaço, tornando-o mais humano e acessível, sempre guardando a unidade do centro comercial, enquanto lugar de contato social e de relações de uma cidade.

BIBLIOGRAFIA

- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*, Pova de Varzim, Ed. 70, 1981.
- CHIAVARI, M.P. e CARVALHO, V. Morar no centro da cidade do Rio de Janeiro. In: Sá, C. (org.) *Olhar urbano, olhar humano*, São Paulo, IBRASA, 1991, P.81-104.
- CORDEIRO, H.C., Estudo sobre o centro metropolitano de São Paulo. In: *Terra Livre*, São Paulo, AGB/Marco Zero, (8):7-34, 1991.
- COSTA, E.G. *Anel, perfume barato*, São Paulo, Nova Stella/EDUSP, 1989.
- DEL GROSSI, S. *De Uberabinha a Uberlândia: os caminhos da natureza*, São Paulo, FFLCH, 1992 (tese de doutorado).
- FERRARA, L.A. *Ver a cidade*, São Paulo, Nobel, 1988.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*, São Paulo, Ática, 1991.

_____. *La Revolución Urbana*, Madrid, Alianza, 1983.

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, *Edição Especial*, Uberlândia, agosto, 1988.

JORNAL O REPÓRTER, Uberlândia, 8 de novembro de 1936.

PINTAUDI, S. Mudanças nas formas de comércio varejista e a implantação de supermercados na Grande São Paulo. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, AGB, 66:(5-22), 1988.

_____. Os shopping centers brasileiros e o processo de valorização do espaço urbano. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, AGB, 65:(29-48), 1987.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão*, São Paulo, Nobel, 1987.

_____. *Espaço e Método*, São Paulo, Nobel, 1985.

_____. Tradição, Modernidade e cultura na cidade grande. In: *Espaço e Debates*, São Paulo, NERU, 17:(108-111), 1986.

SOARES, B.R. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*, São Paulo, USP/FFLCH, 1988 (dissertação de mestrado).

SOUTO, L. *Poluição sonora na área central de Uberlândia*, Uberlândia, DEGEO/UFU, 1991 (monografia).

SPOSITO, M.E. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana, *Revista de Geografia*, São Paulo, (10): 01-18, 1991.